

Igreja Batista Monte Horebe
Pastoral: 05-07-2009
Autor: Pr. Edson B. Valeriano

QUESTÕES DO SOFRIMENTO – III

O nível e intensidade do sofrimento diferem de pessoa para pessoa, de cultura para cultura e de filosofia de vida que cada ser racional ou grupo adota para si. Se uma pessoa adota para si uma filosofia de vida materialista, sem convicções de uma possível existência do Ser Absoluto e Pessoal, o sofrer para ela não passa de condição sine qua non, natural à existência dos seres vivos. Assim ela não vai abrigar conflitos diante dos infortúnios, pois não possui em suas convicções uma instância a quem reclamar ou acusar como responsável pelos reveses da vida. Se outra pessoa adota para si uma filosofia de vida deísta - i.e., acredita sim, na existência do Ser Pessoal e Absoluto que criou o universo e tudo que existe, dotando com potencial existencial, mas o abandonou à sua sorte – vai entender que é seu dever produzir a própria salvação, quer social ou espiritual.

Nessa abordagem existencial encontram-se os segmentos religiosos e filosóficos orientais como o budismo, hinduísmo, confucionismo e bramanismo; o animismo africano e afro-brasileiro voltados à mediunidade e a teologia da libertação. Para esses o sofrimento é um karma, uma sina que o Criador deixou para o ser finito trabalhar e desenvolver, para que através do mesmo e do bem fazer consiga galgar ao nirvana da auto-salvação. Destarte sofrer é uma virtude, pois quanto mais se sofre melhor posição se obterá na existência futura. Por essa razão os adeptos alguns segmentos religiosos se flagelam até verter sangue vivo.

O sofrer encontra sua expressão mais intensa na pessoa que adota para si o teísmo – a convicção da existência do Ser Pessoal e Absoluto, criador e mantenedor de tudo que existe, onipotente, onisciente, onipresente, amoroso e bondoso, que interfere e conduz o universo dentro de sua bondosa vontade – pois aparentemente não se coaduna com os níveis de intensos sofrimentos presenciados em nossas realidades. A perplexidade diante do infortúnio levou o velho e sábio Jó a exclamar: **“Por que não morri ao nascer? Por que não expirei ao vir à luz? Por que me receberam os joelhos? E por que os seios para que eu mamasse? Pois agora eu estaria deitado e quieto; teria dormido e estaria em repouso.” Jó 3:11-13.** Foi também a perplexidade que levou o experimentado Paulo a expor até onde chegou sua fragilidade diante do inusitado, ao afirmar: **“Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira oprimidos acima das nossas forças, de modo tal que até da vida desesperamos.” II Coríntios 1:8.**

Em certo sentido percebemos que o ‘crer’, em qualquer sentido, dói, pois se não se crê tudo se torna indiferente; assim como também o ‘amar’ dói, pois quem não ama não sente a dor da ausência. A dor do ‘crer’ é a dor pelo anseio da plenitude.